

## INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS SOCIAIS A PARTIR DO VIÉS PRAGMÁTICO

Paulo Alexandre Gaiotto<sup>1</sup>

**RESUMO:** A presente comunicação pretende invadir um território bastante conhecido no que diz respeito à relação dos usuários da linguagem com a linguagem, porém, perpassa alguns labirintos que permitem ressaltar caminhos que a pragmática tem assumido nos últimos 50 anos. O *corpus* do nosso estudo estará embrenhado em um texto de circulação social cujo *pano de fundo* é a revista Veja. O texto intitulado **Heróis no Túmulo** escrito pelo jornalista Tales Alvarenga, circulou em julho de 2004 e será analisado à luz de alguns aspectos que têm sido tratados pela lingüística como pragmáticos. O objetivo é estabelecer conexões entre o que está escrito no texto e os procedimentos que são tratados como pragmáticos, e assim, afinarmos uma leitura que nos permita desvendar o sentido dos enunciados tratados pelo texto. Com isso estaremos mobilizando em nossa leitura evidências que nos auxiliam a interpretação da mensagem que a revista Veja e o jornalista querem transmitir ao seu destinatário através da seqüência de orações proposta em **Heróis no Túmulo**. Este trabalho justifica-se na medida em que vamos amadurecendo a possibilidade de ensinar nossos alunos a terem discernimento em suas leituras, auxiliando-os na compreensão dos inúmeros enunciados que nos rodeiam cotidianamente. Afinal, apenas saber decodificar não basta. A partir do momento em que o destinatário consegue encontrar marcas lingüísticas nos enunciados e saber recorrer a instruções para interpretação, a relação dos usuários da linguagem com a linguagem se completa, ou seja, o locutor consegue através de seus enunciados atingir o alvo: os destinatários.

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem, enunciados, pragmática, destinatários.

### INTRODUÇÃO

O assunto que iremos abordar nesse texto diz respeito à relação dos usuários da linguagem com a linguagem, porém, perpassa alguns labirintos que permitem ressaltar caminhos que a pragmática tem assumido nos últimos 50 anos. O *corpus* do nosso estudo estará embrenhado em um texto de circulação social cujo *pano de fundo* é a revista Veja. O texto intitulado **Heróis no Túmulo** escrito pelo jornalista Tales Alvarenga, circulou em julho de 2004 e será analisado à luz de alguns aspectos que têm sido tratados pela lingüística como pragmáticos.

Para cumprir o objetivo proposto, estabelecer conexões entre o que está escrito no texto e os procedimentos que são tratados como pragmáticos, o trabalho estará ancorado em estudos como Morris, Peirce, Bar-Hillel, Grice, entre outras referências que serão utilizadas como material de apoio nas leituras sobre o objeto de estudo para a elaboração do texto. Num primeiro momento, será apresentada a revisão da literatura abordada por Guimarães, Maingueneau e Koch, no tocante aos estudos sobre a linguagem, as diversas pragmáticas, na qual serão expostos os cinco tipos e suas direções.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os estudos sobre a linguagem abrigam hoje diversas pragmáticas. De acordo com Guimarães (1983) na verdade, não existe uma única pragmática e o que se estuda são as relações dos usuários da linguagem com a linguagem. Nos últimos tempos, da década de 50 até aqui, têm-se aumentado considerações sobre a linguagem, sendo incluídos no objeto da lingüística, aspectos tratados como pragmáticos, e que na maioria das vezes são estudados pelo componente pragmático da teoria lingüística.

Observemos que nos estudos dos lógicos ou filósofos da linguagem, encontra-se nomes que centraram

fogo em pesquisas preocupadas e freqüentemente ligadas aos problemas da pragmática, como Bar-Hillel, Austin, Grice, Searle, Stalnaker. Porém, sobre tais nomes, torna-se interessante seguir nossas considerações partindo do que Peirce estudou sobre o signo, uma vez que coloca em pauta a consideração do usuário do signo como fundamental para seu estudo. Para este, um signo é algo que de certo modo representa alguma coisa para alguém.

Peirce apresentou também em seus estudos o problema de que há signos que são interpretados somente em relação aos objetos da situação na qual alguém faz uso da linguagem, por exemplo, o usuário. Instaura-se com isso duas direções para a pragmática: uma que considera o usuário somente para determinar a relação da linguagem com o mundo (referência) e outra que considera o usuário enquanto tal na sua relação com a linguagem.

Na pragmática indicial Bar-Hillel tenta mostrar a relação linguagem/usuário para tratar a relação linguagem/objeto. As expressões indiciais determinam a verdade de sentenças. É como dizer por exemplo; esse carro é verde. Esse tipo de pragmática teria como fonte o signo indicial de Peirce.

Outro tipo de pragmática é a Behaviorista. Esta entende a relação linguagem/usuário, considerando o usuário como intérprete do signo. Pode-se dizer que para esta pragmática temos a contribuição de Morris ao afirmar que se deve levar em conta o hábito do intérprete em usar o veículo do signo. Dessa forma o intérprete aprende o valor pragmático do signo por conviver em situações em que o signo é usado.

Uma outra vertente da pragmática é a interlocucional. Considera o usuário como interlocutor. Esta se ramifica em três pragmáticas a saber: a conversacional, a ilocucional e a da semântica da enunciação. No caso da pragmática conversacional entende-se a relação linguagem/usuário considerando o usuário como um interlocutor. Leva-se em conta a intenção do locutor e seu reconhecimento pelo ouvinte

<sup>1</sup> Professor da rede particular de ensino. Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Contato pelos telefones 0xx44 6312650 e 9968 4509, e-mail [paulogaiotto@yahoo.com.br](mailto:paulogaiotto@yahoo.com.br)

como o elemento fundamental do significado. A pragmática ilocucional também considera na relação linguagem/usuário o usuário como interlocutor. Porém, aqui a linguagem é vista como uma forma de ação entre locutor e ouvinte. São várias as ações que se pode realizar, por exemplo, é possível informar, ordenar, perguntar, prometer entre outras. Já a semântica da enunciação pode ser entendida como um desenvolvimento destas duas primeiras. Os usuários realmente são encarados como interlocutores e a linguagem como modo de ação, porém, o detalhe está em considerar a significação como fundamentalmente dialógica. Seria como imaginar o outro (destinatário) estando sempre presente no sentido do que alguém diz.

Diante dessas abordagens torna-se possível entendermos que a questão do significado é definida pela intenção do locutor e pelo reconhecimento do ouvinte. Por isso a relação linguagem/usuário já é vista enquanto o usuário é considerado como interlocutor. Essa questão pode ser aclarada um pouco mais se nos apegarmos ao que Grice considerou sobre o princípio da cooperação. Vejamos: na visão de Grice devem existir princípios gerais que regulam a maneira pela qual, numa relação de conversação, o ouvinte pode reconhecer, por um raciocínio seu, a intenção do locutor e assim depreender o significado do que ele diz. Esse princípio é regido por quatro máximas, além de interessantes, apresenta uma utilidade fantástica. A máxima de quantidade está ligada à dosagem da nossa linguagem. Por exemplo, ao ficar bravo com alguém e tentar repreendê-lo não precisa dar uma bronca de cinquenta minutos. A máxima de qualidade diz respeito à veracidade do que se diz. Já a máxima de relação aborda a capacidade de sermos relevantes ao tentar compreender nosso locutor. Por fim, a máxima de modo vem nos dar um puxão de orelhas, pois devemos saber como falar. Em outras palavras: ser claro. Diante dessas considerações sobre a redefinição da pragmática entende-se que é uma redefinição do objeto da Linguística, ou até mesmo de outras disciplinas que se ocupam da linguagem. E isso não deixa de ser uma discussão sobre a própria natureza da linguagem (Guimarães 1983, p.15-27).

Outras contribuições ainda sobre pragmática encontram-se em Maingueneau (2002). Na comunicação lingüística, acontece freqüentemente de não sabermos se o enunciado deve ser tomado ao pé da letra, se ele é irônico ou se é brincadeira. Por isso torna-se importantíssimo estarmos atentos às marcas lingüísticas. Finalizando a questão de como interpretar o enunciado, Koch (1999) apresenta uma sugestão no que toca ao modelo pragmático. Afirma que o sentido é produzido por um agente, por meio de ação comunicativa. Uma ação é sempre animada por uma intenção. Por isso, na busca pelo sentido, é preciso levar em conta a intenção do produtor do texto. Alerta ainda que é preciso entender o processo de interpretação do texto escrito como as peças de um jogo. Para isso ressalta três pontos: O primeiro está relacionado ao produtor/planejador, que procura viabilizar o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas) para a construção dos (possíveis) sentidos; o segundo apresenta que o texto, organizado estrategicamente de dada forma em decorrência das escolhas feitas pelo produtor entre as diversas possibilidades de formulação que a língua lhe oferece, de tal

sorte que ele estabelece limites quanto às leituras possíveis; e o terceiro trata do leitor/ouvinte, que, a partir do modo como o texto se encontra lingüisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção dos sentidos (Koch, 1999, p.13-19).

## ANÁLISE DO TEXTO

Antes de iniciar nossa reflexão sobre o texto **HERÓIS DO TÚMULO**, de Tales Alvarenga torna-se importante conhecermos um pouco o tipo do veículo de comunicação que circulou esse texto. Trata-se da revista veja. Ela pertence a maior editora da América Latina. A editora foi fundada em 1950 por Víctor Civita como Editora Abril. O grupo abril é um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina. Ao longo de seus mais de 50 anos, se expandiu e diversificou suas operações para atuar como provedor de conteúdo com qualidades e credibilidade em diversas mídias. Hoje, a Abril publica 150 títulos e chega a 30 milhões de leitores. Vale lembrar que nossa análise irá resgatar a pragmática interlocucional no que tange à semântica da enunciação. Observemos o texto seguido em análise:

## HERÓIS NO TÚMULO

O presidente Lula lançou na semana passada uma campanha para “resgatar a auto-estima do brasileiro”. Segundo o presidente, o brasileiro não tem heróis, além de esportistas como Ayrton Senna ou Pelé. Lula acha que não é suficiente. “Em qualquer lugar do mundo a que vou, tenho de levar flores ao túmulo do herói nacional. A gente não tem a figura que todo país do mundo tem”. Ainda bem que é assim. O Brasil precisa de gente bem equipada de cérebro, imaginação, audácia e capacidade de liderança. O Brasil não precisa de heróis com túmulos floridos, como quer Lula.

O herói, de maneira geral, é uma figura simbólica, escalada para representar valores que inspirem a sociedade. No processo de criação de um herói, há uma dose alta de manipulação na qual a pessoa é aliviada das imperfeições humanas para funcionar como objeto de culto. A maioria das pessoas consideradas heróicas matou ou foi morta. As sociedades aceitam e estimulam esse ritual. Do contrário, seria impossível convencer jovens a ir morrer em guerras, revoluções ou campanhas terroristas.

Entre os grupos radicais mulçumanos, Osama bin Laden e sua gangue dos 19 são heróis. Fora de seu círculo de admiradores, são assassinos. Os franceses ergueram um imponente mausoléu para Napoleão Bonaparte, seu herói. Pergunte a um russo, a um austríaco, a um alemão ou a um inglês o que acha de Bonaparte. Os ingleses preferem o duque de Wellington, que derrotou Napoleão na Batalha de Waterloo, em 1815.

O mausoléu de Napoleão em Paris, só perde em exibicionismo mortuário para os túmulos de Vladimir Lênin e Mão Tse-tung. Lênin e Mão tiveram o cadáver embalsamado e colocado em exposição pública dentro de urnas de cristal, como a Branca de Neve. A múmia de Lênin foi para um subsolo da Praça Vermelha, em Moscou, e a de Mão, para um salão erguido na Praça da Paz Celestial, em Pequim. Esses dois cavalheiros, heróis do comunismo na União Soviética e

na China, iniciaram em seus países regimes totalitários que fizeram milhões de vítimas.

As estátuas de Lênin foram derrubadas quando a União Soviética implodiu. Mão continua firme em seu pedestal na China, mas tem os dias contados como semideus. Obviamente, traços heróicos marcaram os grandes nomes da história, como Bonaparte, Mão e Lênin. O que se procura aqui não é negar as qualidades que esses homens tiveram em vida. É simplesmente mostrar que esse negócio de herói é muito relativo. Os heróis costumam perder substância quando despojados da mitologia que os cerca.

Duvido que Lula tenha sido convidado a depositar flores em monumentos erguidos para celebrar gênios da arte, da ciência, grandes pensadores ou estadistas brilhantes que nunca estiveram metidos numa guerra. Essas são grandezas que deveriam ser celebradas. Outras é aquela que algumas pessoas encarnam no cotidiano, sem espalhafato. Se você comparece em uma creche toda semana para cuidar de crianças abandonadas ou se vai a um asilo para trocar fraldas de velhos, sem remuneração ou glória pública, você também é um herói. Pelo menos o meu herói.

*(Tales Alvarenga, IN Veja, 28/07/2004)*

O texto em questão trata de uma maneira geral de analisar a fala do presidente Lula ao lançar uma campanha para “resgatar a auto-estima do brasileiro”. De acordo com Lula, o brasileiro não tem heróis, além de esportistas como Pelé ou Ayrton Senna”. No lançamento da campanha Lula baseou-se em outros países, dizendo que ao viajar, em qualquer lugar do mundo que vai leva flores ao túmulo do herói nacional.

Nesse sentido, Tales Alvarenga ao construir seu texto, na tentativa de rebater a fala do presidente, está animado pela seguinte intenção: tudo bem cultuar heróis, mas que sejam heróis de verdade. Para isso, desenvolve sua idéia recheando o texto de expressões depreciativas, conectivos, palavras triviais e alguns operadores argumentativos que irão reforçar sua tese de que não se deve cultuar qualquer tipo de herói. Ao escrever que o Brasil precisa de gente bem equipada em matéria de cérebro, imaginação, audácia e capacidade de liderança, já começa alfinetar algumas questões. Por exemplo, o verbo precisar nesse caso, sugere a partir do que está posto a pressuposição de que se o Brasil **precisa** é porque não tem.

O autor do texto resgata a informação de que a maioria das pessoas consideradas heróicas matou ou foi morta. As sociedades aceitam e estimulam esse ritual. Com esse dado, é possível entendermos que o produtor/planejador do texto está recorrendo a uma série de estratégias de organização textual que procura viabilizar o seu “projeto de dizer”, como diria Koch (1999). Tal informação é de fundamental importância para que o interlocutor inicie o processo de interpretação do ponto de vista do autor, uma vez que não apresenta semelhança com o do presidente. Logo após, encontramos no texto a seguinte oração: Do contrário, seria impossível convencer jovens a ir morrer em guerras, revoluções ou campanhas terroristas.

Tudo bem que a classe dirigente do país precisa de uma reserva de seu contingente para defender a pátria, mas o verbo **convencer** na oração acima e a própria oração As sociedades aceitam e estimulam esse ritual, nos sugerem

a seguinte inferência: Será que o presidente quer acender o estopim dos brasileiros para um patriotismo exacerbado e ufanista, atribuindo aos que se dispuserem a dar o sangue pela pátria, o título de herói? Nessa mesma direção Alvarenga continua construindo seu texto com a seguinte oração. Entre os grupos radicais mulçumanos, Osama bin Ladem e sua gangue dos 19 são heróis. Fora de seu círculo de admiradores, são assassinos. Como podemos analisar, as expressões **grupos radicais** e **gangue** são depreciativas e da forma que estão inseridas nesse contexto reforçam ainda mais seu ponto de vista de que se deve saber escolher muito bem qual é o tipo de herói para se cultuar.

A disposição das frases utilizadas pelo jornalista vem reforçar a teoria apresentada por Maingueneau (2002) e Koch (1999) de que a partir do momento que o locutor começa embrenhar as orações de seu texto organizando-as estrategicamente, escolhendo entre as diversas possibilidades de formulação que a língua oferece, torna-se possível oferecer ao seu interlocutor, limites quanto às leituras possíveis.

Quando se reporta ao Mausoléu construído para Napoleão em Paris, como **exibicionismo** mortuário e ao dizer que o cadáver de Vladimir Lênin e Mão Tse-tung foram embalsamados e colocados em exposição pública dentro de **urnas de cristal** como a da Branca de Neve, nos permite pressupor a partir do que está posto que tal atitude é tão desnecessária quanto acreditar em conto de fadas. Em seguida, Alvarenga escreve que “esses dois cavalheiros, heróis do comunismo na União Soviética e na China, iniciaram em seus países regimes totalitários que fizeram milhões de vítimas”. Novamente, partindo do que está posto, entende-se que cavalheiros não fazem milhões de vítimas. Mais uma vez as marcas lingüísticas expressando nesse caso a ironia.

Na seqüência, relata que Mao continua em seu pedestal na China, mas tem seus dias contados como semideus. A presença da conjunção adversativa **mas** permite que o interlocutor entenda que Mao pode deixar de ser cultuado a partir do momento que as próprias pessoas invertam os valores atribuídos aos heróis. Permite inferenciar ainda o seguinte questionamento: por que atrelar à palavra herói somente à conquistas e vitórias oriundas de guerras e batalhas? Não é possível que se tenha heróis alcançando vitórias sem perder sua vida ou tirando a de outros?

É por essas e outras que Alvarenga direciona a construção de seu texto conduzindo seu interlocutor ao encontro de sua tese: tudo bem cultuar heróis, a questão está em escolhê-los. Nesse sentido finaliza sua construção textual reforçando sua tese e questionando a de Lula como sendo talvez, mal elaborada: seria possível depositar flores em monumentos erguidos para celebrar grandes gênios da arte, da ciência, grandes pensadores ou estadistas brilhantes que nunca tiveram metido numa guerra? E afirma posteriormente que estas são grandezas que deveriam ser lembradas, juntamente com aquelas pessoas que não morreram ainda, mas estão dando seu sangue pela pátria freqüentando sem remuneração creches ou asilos para cuidar de crianças abandonadas e trocar fraldas dos idosos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da semântica enunciativa os usuários da linguagem são encarados como interlocutores e a linguagem

como modo de ação. É o que se pode perceber no texto analisado, uma vez que o significado da tese de Alvarenga, na condição de locutor, foi construído e reconhecido/interpretado pelo destinatário dentro de uma certa condução lingüística. Na visão de Maingueneau (2002), muitas vezes acontece de não sabermos se o enunciado deve ser tomado ao pé da letra, se ele é irônico ou é brincadeira. Por isso, Alvarenga tomou os devidos cuidados na construção de seu texto, elencando na situação oportuna as marcas lingüísticas e pragmáticas para que o interlocutor pudesse se orientar no momento da interpretação do enunciado textual.

Diante disso vale lembrar que a construção dos sentidos estará sempre ligada ao modo como o texto se encontra lingüisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, T. Heróis no túmulo. **Revista Veja**, 28 de julho de 2004.

GUIMARÃES, E. R. J. Sobre alguns caminhos da pragmática. In: **Sobre pragmática**. CCHL – Faculdades Integradas de Uberaba. n. 9, 1983.

GUIMARÃES, E. R. J. O sentido como intenção do locutor. In: \_\_\_\_\_. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

\_\_\_\_\_. O sentido do mundo. In: \_\_\_\_\_. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 1999.

POSSENTI, S. Pragmática na análise do discurso. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v.30, p. 71-84, jan./jun. 1996.

Editorial sobre os 50 anos da Editora Abril. **Revista Veja**. Disponível em: < [http://www.abril.com.br/institucional/50 anos/ponto.htm](http://www.abril.com.br/institucional/50%20anos/ponto.htm)> Acesso em: 19 de ago. 2004.